

Pandemia e Cosmovisões - Solidão, Medo e Morte

Pandemic and Worldviews - Loneliness, Fear and Death

Profa. Dra. Maria Teresa Toribio B. Lemos¹

¹ Professora Titular em História da América. Pesquisadora-Visitante do Programa de Pós-Graduação em História Política da UERJ. Professora Colaboradora da Faculdade de Direito/UERJ.

Resumo: Desde a Antiguidade as sociedades sofrem com as epidemias dizimando grande parte da população. Esses surtos produzem perdas de vida irreparáveis e desequilibram política e economicamente as sociedades fragilizadas, podendo inclusive fazê-las desaparecer. Em determinadas épocas, essas pestes atingem proporções incontroláveis, espalhando-se e contagiando em várias partes do mundo: é a pandemia infectando povos de vários países, aterrorizando e dizimando centenas de milhares de pessoas em todas as partes. Ninguém consegue deter a força da destruição e da morte. As pestes continuaram ao longo dos séculos assolando as sociedades e eliminando os mais fracos e pobres, devido às condições precárias ou quase inexistentes de higiene e alimentação, embora também atingissem os demais segmentos pelo contágio, obrigando as autoridades, especialmente as religiosas, a promulgarem atos coercitivos contra os menos favorecidos e punições como a condenação à morte, acusando-os de pacto com o diabo.

Palavras-chave: epidemias; morte; medo; peste; destruição.

Abstract: Epidemics – death fear Since antiquity Societies have suffered from epidemics decimating much of the population. These outbreaks produce irreparable loss of life and weaken societies politically and economically, and can even make them disappear. At certain times, these pests reach uncontrollable proportions, spreading and infecting various parts of the world: it is the pandemic infecting people in various countries, terrorizing and decimating hundreds of thousands of people everywhere. No one can stop the force of destruction and death. Pests continued to plague societies over the centuries and eliminate the weakest and poorest, due to the precarious or almost nonexistent conditions of hygiene and food, although they also affected other segments by contagion, forcing authorities, especially religious, to enact acts coercive against the less fortunate and punishments such as death sentence, accusing them of pact with the devil.

Keywords: pandemic; loneliness; fear-death; pests; destruction.

Artigo recebido em 10/08/2020 e aceito em 20/11/2020.

Desde a Antiguidade as sociedades sofrem com as epidemias dizimando grande parte da população. Esses surtos produzem perdas de vida irreparáveis e desequilibram política e economicamente as sociedades fragilizadas, podendo inclusive fazê-las desaparecer. Em determinadas épocas, essas pestes atingem proporções incontroláveis, espalhando-se e contagiando várias partes do mundo: é a pandemia infectando povos de vários países, aterrorizando e dizimando centenas de milhares de pessoas em todas as partes. Ninguém consegue deter a força da destruição e da morte.

A epidemia da varíola foi devastadora e as primeiras evidências foram detectadas em múmias egípcias do século III. Para alguns pesquisadores, a doença teria surgido na Índia.

Descrita por Tucídides¹ como uma doença desconhecida que causava febre muito forte, dores e deformações no corpo, a varíola foi responsável pelo extermínio de um terço da população de Atenas em 430 a.C.

Nos séculos II e III a doença ressurgiu arrasadora no Império Romano, levada pelas tropas que se encontravam na cidade de Partia, na Mesopotâmia. Infectadas, no retorno, as tropas contaminaram o Império, dizimando grande parte da população da Europa. As rotas comerciais para a Índia e a China também se tornaram veículos de contaminação entre o Oriente e Ocidente.

Uma das epidemias mais mortíferas, a varíola atravessou séculos e dizimou milhões de pessoas, causando danos irreparáveis à Humanidade. A doença se tornou muito conhecida em nossa sociedade, devido ser a ela atribuída a destruição de grande parte das sociedades indígenas na América, no século XVI. A descoberta da vacina no século XVIII, por Edward Jenner, em 1796, deteve a doença, considerada erradicada em 1977, quando foi registrado o último caso na Somália. Tornou-se responsável pela morte de 300 milhões de seres humanos no século XX².

As pestes continuaram ao longo dos séculos assolando as sociedades e eliminando os mais fracos e pobres, devido às condições precárias ou quase inexistentes de higiene e alimentação, embora também atingissem os demais segmentos pelo contágio, obrigando as autoridades, especialmente as religiosas, a promulgarem atos coercitivos contra os menos favorecidos e punições como a condenação à morte, acusando-os de pacto com o diabo.

Ainda sob os efeitos das consequências da epidemia que se expandia pelas cidades e áreas rurais, em 1348 a Europa voltou a sofrer os horrores do apocalipse anunciado, assistindo a morte de um quarto de sua população. A peste não veio sozinha, pois trouxe consigo manchas negras, produzidas pelas gangrenas. A doença se naturalizou como uma pandemia e daí por diante somente imagens da morte, medos, dores, sofrimentos e misérias. O grande

¹ -Tucídides – historiador grego Atenas -460aC -400aC.

² - McNeill, William Hardy No século XVIII, a varíola foi responsável por cerca de 10% dos óbitos. No início do século XVIII práticas de injetar o vírus em crianças com vírus vivo da doença, comuns na China e no Oriente Médio, foram exportadas para a Europa Ocidental, começando pela Inglaterra, sob influência do I. Otomano. Para convencer a população, a própria família real inglesa foi inoculada publicamente. Era recolhido pus de pústulas e, com algodão e uma seringa, a secreção era injetada em uma outra pessoa. A mortalidade da doença acabou caindo para 1%, já que as crianças estavam com seu sistema imunológico em formação, reduzindo a possibilidade de 40% de infecção da doença por contato aéreo- The Rise of the West: A History of the Human Community. University of Chicago Press.

flagelo ficou conhecido como Peste Negra, aterrorizando pelo aspecto medonho, e dominou os imaginários e as memórias, gerando preconceitos, discriminações, exclusões e xenofobia.

Seguindo a rota das epidemias anteriores, a Peste Negra chegou à Europa através das caravanas e do comércio com a Ásia, especialmente a China. Mercadorias chegavam aos portos do Mediterrâneo para os ricos comerciantes e aristocratas de Gênova e Veneza e de lá contagiava o resto da população.

PRÁTICAS CULTURAIS E REPRESENTAÇÕES

A Peste Negra diferenciou-se das outras doenças, deixando marcas profundas no corpo e na alma. Além de causar manchas negras na pele das pessoas, inchaços nas axilas, virilha e pescoço, consequência das infecções provocadas pelo bacilo, trazia a *marca da infâmia*,

[...] Os sintomas não deixavam dúvidas. Atacada por uma febre de 40 graus, a vítima sentia crescer na virilha ou na axila um inchaço que assumia a forma de um doloroso furúnculo do tamanho de um ovo ou de uma laranja. Insônia e delírios complementavam o mal-estar, fazendo com que o infeliz temesse tanto o sono como o despertar. No segundo ou no terceiro dia, seu corpo estaria tomado por esses bubões (ínguas). Se tivesse sorte, os caroços se abriam em pus, diminuindo a dor e a febre[...]. Além das dores e do desespero surgiram [...] manchas pretas na pele (SCHILLING, 2019).

A doença deixava marcas profundas e manchas pretas apareciam na pele, nas mãos e no corpo. As feridas purulentas ardiam por todo o corpo. O doente sentia-se no inferno e pensava mesmo que era castigo. O aspecto e o mau cheiro tornavam-no repelente. Os olhos inchados pelas infecções e os membros cobertos pelas pústulas eram o sinal evidente que a sua hora chegara e nada no mundo o salvaria. Nesse momento de agonia, nos estertores de uma tremedeira sem-fim, ninguém mais se aproximava dele. Nem pai, nem mãe, irmão ou amigo que se apiedasse daquela situação. Todos debandavam, temendo a contaminação. Cerca de uma semana depois dos primeiros sintomas, a vítima estava morta. E, entre 1347 a 1351, a pandemia ceifou cerca de 25 milhões de pessoas.

Um sofrimento terrível anunciava uma das mortes ainda mais angustiante, acompanhadas pelo abandono, pelo medo e pela discriminação. O doente condenado à solidão dos infernos sofria mais pelo desprezo que despertava naqueles que um dia o amaram e o respeitaram. O medo não permitia a aproximação de ninguém. As tremedeiras das vítimas aterrorizavam. Ao pavor e à repelência juntava-se o nojo causado pelas feridas infectadas.

Não se percebia rastro de qualquer sentimento cristão. O medo não era tanto pelo número de contagiados e mortos, mas pela maneira sorrateira como a peste se propagava³.

Imaginando ser castigo divino, o doente se autoflagelava, rezava e fazia promessas. De nada adiantavam as confissões, pois o diabo já possuía sua alma. Era um sofrimento eterno. Muitos se suicidavam e outros eram confundidos com os mortos e jogados vivos nas valas comuns. Muitos cadáveres, abandonados nas ruas, eram triturados por cães famintos. O fim do mundo estava próximo.

A cosmovisão medieval sobre a peste negra associava essa febre aos cultos demoníacos e à morte devastadora. As mulheres desempenharam papel fundamental, atenuando as dores e os sofrimentos dos moribundos. Eram procuradas e respeitadas e por isso acusadas de pacto com satanás⁴.

Passado o pânico, as mortes diminuíram, mas as doenças continuaram em escala menor que nas epidemias, pois os hábitos de higiene custaram a ser introduzidos. A imundície dominante se encarregava da seleção social. Os pobres, famintos, vivendo das migalhas, se amontoavam nos cortiços e nas ruas sujas pelos esgotos e repletas de ratos.

As febres matavam pobres e ricos. A morte não escolhia. Ricos e pobres sucumbiam naquela Europa suja e degradada. Os homens e os ratos disputavam o mesmo espaço urbano.

A pandemia estabeleceu para os vivos o isolamento, o uso de máscaras contra o hálito fétido dos doentes, e, nos últimos momentos de vida; para os que agonizavam restaram à solidão, o abandono e o medo. Essa catástrofe exigiu mudanças e acelerou a criação de um novo mundo, um mundo moderno, com novas formas de poder e exploração. Antes da peste, morria-se de fome na Europa⁵.

Após a pandemia, o mundo sofreu mudanças significativas. A peste dizimou a mão de obra local, desestruturou o sistema feudal e contribuiu para as grandes migrações, atraindo

³ -Nos dias atuais, com o Covid-19, o medo tem a ver com o capitalismo cognitivo e a conectividade (redes) como forma de convivência. O que chama a atenção é que apesar do desenvolvimento da ciência, ainda não se conseguiu encontrar solução para conter a pandemia. O debate sobre a vacina não está voltado para solucionar um problema de saúde pública, mas sim de caráter geopolítico com vantagens no mercado mundial da indústria farmacêutica. Deleuze e Guatarri (capitalismo e esquizofrenia).

⁴ As perseguições aos hereges permitiram que [...]curandeiras, parteiras e outras mulheres que tinham acesso a métodos contraceptivos fossem acusadas de bruxaria e conseqüentemente de fazerem pacto com o demônio[...] impedindo os pais gerarem filhos, afetando a produtividade. Também foram acusadas pelo conhecimento que possuíam sobre o corpo, as doenças e os segredos das ervas, dos chás e as práticas para curar, o que trazia algum prestígio naquela sociedade patriarcal.

⁵ - Marton, F., em 1315, a *Grande Fome* provocada pela falta de alimentos, devido às chuvas que castigavam o campo, afetando a agricultura e causando a morte de rebanhos, causou, além das doenças e mortes “um surto de canibalismo – que vitimou principalmente crianças. RJ, Suécia, S/ed, 2020.

peças livres de várias partes, tanto das cidades como de outras áreas rurais, acelerando as transformações no modo de produção.

Para a sociedade favorecida que pretendia manter em suas mãos privilégios, riquezas e os meios de produção, a pandemia não era tão ruim assim. As permanências de um imaginário preconceituoso e xenófobo ressurgiram com as práticas discriminatórias contra os menos favorecidos e excluídos. Mortes e famílias destroçadas tornaram-se memórias e lembranças de uma época extinta. O silêncio continuou envolvendo as vozes que suplicavam por igualdade e liberdade.

Durante o surto da peste, predominava o medo na vida cotidiana, que se instalou na memória coletiva da sociedade. Quando a pandemia acabou, o mundo mudou. A agricultura se desenvolveu e a alimentação ficou mais farta, além da carne, com o desenvolvimento da criação. As mortes, o isolamento e outros medos foram esquecidos. Não haveria retorno para tantas desgraças. Mas, como explicar o que passou?

Amedrontada, a população acompanhou as mudanças. O povo se perguntava qual a razão de tantas mortes e quais os culpados? Nem os médicos entendiam ou conseguiam explicar, apelavam para os “humores corporais” e miasmas. A doença era consequência dos ares fétidos. Usavam máscaras para se proteger e não aspirar ao fedor da podridão dos corpos doentes.

Os culpados não apareciam e, enquanto não chegassem a uma conclusão, acusavam os judeus. Misturavam ódios étnicos e ideológicos para perseguir e trucidar os judeus. Eram acusados de envenenar a água e as comidas dos cristãos.⁶ O século XIV, além das epidemias, perseguições religiosas e extermínio de populações, assistiu também a perseguição às bruxas, acusadas de pacto com o diabo. As mulheres, pelo conhecimento das ervas para tratar das doenças em suas casas, eram consideradas perigosas e deveriam ser vigiadas e até condenadas, se acusadas de exercer cuidados de saúde.

Doenças, epidemias, mortes, perseguições e medos prosseguiram até o século XVIII. Ratos e pulgas faziam parte da vida cotidiana e nem de longe se tornaram suspeitos de produzir doenças. Conviviam com as famílias, nas casas, nos mercados, nas ruas, eram livres, cidadãos do mundo subterrâneo.

⁶ - Entre 1347 e 1351, houve 350 eventos de extermínio de judeus, destruindo 310 comunidades.

Enquanto prosperava o domínio do medo, a ciência tentava sem êxito descobrir as causas, mas os estudos e as disseções dos cadáveres precisavam ser realizados às escondidas, à noite, nos cemitérios.

Enfim, descobriram o vilão! E os ratos e as pulgas começaram a ser combatidos e a higiene fazer parte da vida cotidiana. No século XIX, a ciência assumiu o espaço do saber e as descobertas contribuíram para minorar os males do mundo, assim como a associação das doenças com as péssimas condições de vida. Moradias precárias, falta de esgotos e de água limpa e o excesso de lixo contribuíam para a proliferação das doenças. Entre 1817 e 1824 a malária e a cólera dizimaram centenas de milhares de pessoas.

De grandes proporções, assolando o mundo, a Gripe Espanhola foi uma das mais temidas pandemias do século XX. Arrasadora, atingiu todos os continentes entre 1918 e 1919, dizimando cerca de 50 a 100 milhões de pessoas. Dos primeiros infectados nos Estados Unidos,⁷ a gripe se espalhou pelo mundo com os deslocamentos das tropas militares durante a Primeira Guerra, atingindo diretamente os países envolvidos.

No Brasil, cerca de 35 mil pessoas morreram infectadas pelo vírus⁸, espalhado por todas as regiões do país. Como toda doença contagiosa, a gripe foi discriminada pelo preconceito e xenofobia. No imaginário coletivo, a gripe foi satanizada e seu nome proscrito. Causava pânico! Era necessário não se tocar no seu nome. Atraía desgraça devido ao medo que causava e ao prenúncio da morte.

As informações eram censuradas e a imprensa evitava divulgar a extensão do mal para que os soldados não entrassem em pânico. Morria-se calado! A doença era uma vergonha e pensava-se que só matava os frágeis. A imprensa espanhola foi a única a divulgar o surto da gripe, pois o país não tinha compromissos com a guerra e não precisava esconder a pandemia da sociedade e de seus soldados. Como as notícias chegavam através dos noticiários hispânicos, a gripe ficou conhecida como “gripe espanhola”, imaginário que predomina até nossos dias na cultura popular (FRANCO, 2020).

A gripe espanhola, contagiosa e letal dizimava milhares de pessoas. Os países não estavam preparados para tantas mortes e o colapso dos sistemas de saúde mostrou a triste realidade e nem todos tiveram acesso ao tratamento. Precisou-se improvisar a emergência

⁷ - Fontes indicam que a gripe pode ter surgido na **China**, assim como nos **Estados Unidos**, sem assinalar a região, embora haja registro dos primeiros doentes no **Fort Riley**, estado do Kansas e semanas depois cerca de 1100 soldados desse foram internados com a mesma gripe.

⁸ - A gripe espanhola, mutante do vírus da influenza, transmitido de aves para os seres humanos.

médica e, de maneira precária, hospitais e leitos foram criados para atender aos doentes infectados. Aos pacientes mais graves restava a morte, pois naquela época **não existiam remédios** para o tratamento (HAYS, 2005).

Medidas, já conhecidas quando da pandemia da peste negra, foram adotadas, como o isolamento social, uso de máscaras para evitar os espirros no rosto das pessoas, fechamento de escolas, igrejas, comércio e repartições públicas em diferentes locais. Segundo Hayes (2005) “a quarentena em alguns lugares, como na Austrália, teve grande sucesso, uma vez que o país foi atingido pela primeira onda da gripe [...] (pg. 386)”, e essa medida, assim como as anteriores, foram adotadas inclusive no Brasil.

Durante o século XX, doenças graves assolaram o mundo e após mortalidade intensa foram amenizadas com o avanço da ciência com a descoberta de novos medicamentos, tratamentos e vacinas como malária, tifo, gripe suína e AIDS, entre outras enfermidades contagiosas.

Como o mal nunca desaparece totalmente, na segunda década do século XXI, em 2019, o mundo despertou assustado com novo vírus –o Sars Cov 2 produzindo uma doença conhecida como - Covid-19! (Coronavirus Disease -19).

Ainda que infecções ou surtos de corona vírus serem já conhecidos, este surgiu de maneira insidiosa no mundo ocidental, pois a morte estava longe, na Ásia, numa grande cidade da China e, naquele momento, ainda não assustava o resto do mundo. As notícias chegavam rápido e com elas mitos e lendas sobre os hábitos exóticos dos asiáticos. Eram inverossímeis as charges e as histórias contadas e o vilão assassino da vez eram os morcegos, embora ratos e pulgas continuassem dominando em muitas sociedades e até adorados como na cidade de Bikaner, na Índia⁹.

SOLIDÃO, MEDO E MORTE - DO CORONAVIRUS À COVID-19

O mundo foi alertado pelo número de mortos na cidade de Wuhan¹⁰. Imediatamente, o governo chinês adotou os protocolos de contenção e alertou a OMS (Organização Mundial da Saúde). Apesar da advertência, a doença, apresentou uma característica não esperada, era

⁹ - Cidade de Bikaner, região do Rajasthan, norte da Índia. Templo de Mata Karni - os indianos cultuam a deusa Durga. Estima-se que no templo vivam mais de 25 mil ratos soltos e que dividem espaço e comida com humanos que também moram lá.

¹⁰ - Wuhan é a capital e maior cidade da província de Hubei. É a cidade mais populosa da China Central, com de mais de 10 milhões de habitantes. Devido ao seu papel fundamental no transporte doméstico, Wuhan é chamada de "Chicago da China".

altamente contagiosa, e devido as características da sociedade atual se expandiu para a Europa, EUA e atingindo todos os países do continente americano. O contágio começou pelas pessoas que chegavam do exterior, pelo intenso movimento dos aeroportos e comércio. Como acreditar que chegaria a toda a sociedade.

Não obstante os avanços na identificação do vírus, ainda não existem tratamento específico ou vacina, restando apenas mecanismos de defesa contra o contágio conhecidos desde a Idade Média – o distanciamento e o isolamento¹¹. Essas medidas mostraram apenas o poder de “diminuir a velocidade de propagação do vírus, mas não a mortalidade nem o número de contagiados”¹².

O vírus que aniquilou milhares de pessoas na China e que se espalhou velozmente pelo mundo foi considerado pela OMS (Organização Mundial da Saúde) de Emergência de Saúde Pública de importância internacional. Conhecido como *Sars Cov 2* tornou-se o terror da humanidade na segunda década do terceiro milênio.

Em janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) deu o mais alto grau de alerta sobre o surto da doença, que dois meses após, em 11 de março de 2020, foi caracterizado como uma pandemia, a Covid-19¹³.

A partir dessas recomendações foram tomadas medidas como distanciamento, lavar as mãos com frequência com água e sabão, utilizar álcool em gel e usar máscaras, evitando pingos de tosse ou espirro. Caso surgissem outros sintomas, deveriam ser monitorados, como tosse ou febre leves.

Apesar das notícias sobre milhares de mortes na Europa e da indicação de isolamento social adotado pela maioria dos países asiáticos e europeus, o Brasil não seguiu o mesmo caminho.

Seguindo o exemplo do Governo Central, que politizou a Pandemia, contrariando as determinações da OMS e do Ministério da Saúde a população deu pouca importância ao surto que vinha dizimando milhares de pessoas, não poupando idosos, jovens e crianças.

Para o imaginário popular, para grande número de pessoas, o vírus era seletivo, matava especialmente as pessoas ricas, e o ambiente quente dos trópicos permitiria que os pobres fossem poupados. As informações médicas e dos Institutos de Pesquisa, diariamente,

¹¹ - Quando este texto estava sendo elaborado pesquisas em andamento em várias universidades e institutos da China, Reino Unido, EUA e Brasil intensificaram seus esforços para encontrar a vacina para a Covid 19.

¹² Afirmação feita pelo médico intensivista do Grupo Hospitalar Conceição POA RS-RS, Luis Cuadras.

¹³ - Folha informativa – Covid-19 (doença causada pelo novo coronavírus) -18 de maio de 2020

referiam-se sobre a expansão do vírus e seu poder de destruição, tentando esclarecer a população. Todo esforço foi em vão.

O isolamento foi seguido, assim como a quarentena, mas os que tripudiavam, foram contagiados e infectaram mesmo os que se defendiam no isolamento. Nos dias atuais, o autoflagelo consiste na privação de contato social e os dispositivos digitais são os que substituem a presença do Outro.

Vírus estranho! Como se propaga e evolui! Os números de mortos aumentam assim como as transgressões. Isolamentos desrespeitados e a morte sendo chamada para a briga. Nesse quadro complexo predomina o medo. O medo do vírus, medo da morte, medo das covas abertas para receberem centenas de mortos, medo do medo, e as imagens da peste negra, gripe espanhola e varíola, entre outras pandemias, envolvem a atmosfera desse início do terceiro milênio. A humanidade chegou viva, até quando?

IMAGINÁRIOS, MEMÓRIAS E PERMANÊNCIAS

Atualmente vive-se a incerteza, a solidão do isolamento e a expectativa temerosa do amanhã. Assim acontecia durante a peste negra, a gripe espanhola e as demais pestes. Essas lembranças retornaram contadas pelos livros, pelos mais velhos, pelos jornais, revistas e programas de Tv.

Apesar do distanciamento, da quarentena e do uso de máscaras e álcool gel (este, introduzido nesta pandemia) as mortes continuam num ritmo avassalador pelo colapso do sistema de saúde. O contágio vem de toda parte. Isoladas em casa, as pessoas tentam viver a normalidade na anormalidade. As dificuldades surgem assim como as amarguras, os desesperos e as desesperanças. Mas a morte fica à espreita e, quando menos se espera, chega uma notícia avassaladora. Um anúncio de morte, sempre alguém conhece uma pessoa ou família atingida. A morte não poupa ninguém. Antes, apenas os velhos com idade de risco, eram objeto de maior cuidado, mas o vírus continua avançando, assim como seus mutantes e chegou aos recém-nascidos, não os poupando também. E, com grande sentimento, acompanhamos o sofrimento dos pais e familiares, inconformados com a falta de piedade do mal¹⁴.

O medo, o pavor da morte e a expectativa aceleram o desespero. Todos têm medo. Desde os médicos aos pacientes, dos poderosos dirigentes aos mais humildes dos cidadãos,

¹⁴ -Atitudes irresponsáveis negacionistas dos governantes atuais do país e do ex. Presidente Trump dos EUA.

todos temem o inimigo que não manda aviso. E as idiossincrasias ressurgem. Preconceitos, discriminações e xenofobias afloram e dominam os imaginários.

Enquanto que na Idade Média as heresias confrontaram a ordem dominante e as perseguições e punições aos heréticos assumiram o lugar da peste negra, liquidando e torturando os que discordaram nos dias atuais o desconhecimento e a ignorância sobre o Corona vírus, associados às notícias falsas e ao obscurantismo permitiram o retorno dos antigos fantasmas medievais, lançando lógicas ilógicas e irracionais para explicar o ataque do vírus. Os fantasmas da memória reapareceram ressignificados dominando os imaginários e revivendo as práticas culturais medievais.

CONSIDERAÇÕES

A Covid-19 ampliou a brecha existente das minorias privilegiadas e dos pobres. Inicialmente, no imaginário popular, o Corona vírus era uma doença de ricos agora abre espaço ao nojo e à repelência. Como *gênios do mal*, preconceitos, discriminações e xenofobias, saídos da garrafa da memória coletiva onde estavam guardados, foram reintroduzidos pelas classes favorecidas que, sem piedade, jogam a culpam da propagação da pandemia à sociedade empobrecida. O *outro* sempre é o culpado. E esse outro são os excluídos, os pobres e humilhados, perdidos nas filas da fome à espera de um mísero apoio para suas desgraças. Eles expõem a dor da miséria nos rostos sofridos, a *marca da infâmia* que os torna invisíveis para a sociedade, exceto para o Corona vírus, que os acolhe aos milhares em seus longos braços da morte.

As múltiplas visões e interpretações produzidas pela cultura popular sobre a pandemia tentam, junto com a ciência, dar conta do medo que envolve a sociedade diante do extermínio de centenas de pessoas, de todas as idades, classes sociais, cores e gênero, embora os mais pobres e abandonados tenham sido os mais atingidos.

Surgem indicações e receitas fabulosas! Misturas incríveis, que nem os alquimistas medievais se atreveriam a experimentar, são passadas pelos amigos, familiares, vizinhos e autoridades da saúde e até os mais céticos se deixam levar por fórmulas e credices. E, assim, surgem chás de erva, gengibres, cebolas roxas, vinagre de maçã com limão, remédios para lombrigas e piolhos e outros indicados inescrupulosamente pelas farmácias pela ânsia de vender suas drogas, e remédios sem eficácia indicados para doenças como malária e lúpus,

com contraindicações gravíssimas. O desespero diante do vírus e a luta pela vida ameaçada arrastam multidões para a cura imaginária.

A humanidade conseguiu sobreviver às guerras, fomes e pandemias. Conseguiu chegar ao Terceiro Milênio, mas não de forma gloriosa, pois se esgotou nesse enfrentamento. Após o Covid-19 como será a Humanidade? Continuará resistindo ou sucumbirá diante do assédio desse vírus fatal?

Enfim, a Humanidade chegou viva ao século XXI, vencendo múltiplos percalços, sobrevivendo aos males das guerras, fome, exílio, refúgios, preconceitos, desigualdades e perseguições, entre outras terríveis consequências da vida. Mas também feliz por ter vencido todos os enfrentamentos impostos para viver, pois a morte assombra, não explica e mete medo.

Se viver é uma arte, manter a vida é um desafio! Como toda espécie de primata superior, a Humanidade tem convivido com pestes, pragas, epidemias e pandemias através dos séculos, conseguindo adaptar-se a todas. A morte, porém, não acabou com a xenofobia, enquanto os preconceitos, ao contrário, acirraram as discriminações e desigualdades, defendidas pelos setores privilegiados, estigmatizando os invisíveis. E, desde a antiguidade aos dias atuais, a epidemia é o pretexto para mudanças efetivas, eliminando os mais velhos, fracos e menos aptos, permitindo que somente jovens fortes sobrevivam.

Essa premissa na organização social humana não é verdadeira. A realidade é mais cruel que a imaginação. De concreto e efetivo é que as epidemias condenavam à morte a maioria das pessoas que já não *existiam*, os invisíveis, numa sociedade desigual. Predestinados à morte, na vanguarda estavam sempre os mais pobres, os excluídos e os discriminados.

Ironia! Apesar de fracos, doentes e mal alimentados, mostraram-se fortes diante do flagelo da morte. Nem todos pereceram e, esquecidos e despercebidos, sobreviveram ao ataque ensandecido da peste.

REFERÊNCIAS

DELUMEAU, Jean – **A História do medo no Ocidente (1300-1800)**. Editora Companhia de Bolso, 2009.

FRANCO, Sebastião, P. – **a Gripe Espanhola**. Gazeta, 2020.

HAYS, J. N. **Epidemics and pandemics. *Their impacts on human history.*** Austin, Texas: Fundação Kahle, 2005.

HAYS, J. N. **Epidemics and pandemics. *Their impacts on human history.*** Austin, Texas:

RICHARDS, Jeffrey – **Sexo, Desvio e Danação.** RJ, Jorge Zahar, 1993.

SCHILLING, Voltaire. **Modernismo e antimodernismo.** Editora GP, 2019.